



30.12.2005



Colunistas » Jorge Coroado

Raios & Riscos

Os problemas que apoquentam a classe e o futuro que se antevê não são animadores, fazem supor dificuldades bem mais preocupantes que as sempre desagradáveis contestações, desconsiderações e faltas de respeito após um jogo de futebol

2006

Fazer parte de um qualquer grupo dinâmico, empreendedor, capaz de reflectir, agir, propor e decidir, revendo-se num líder que, nesta época caótica em que a palavra nada vale impõe ordem, respeito, cumprimento de normas e equidade de tratamento entre os dirigidos, procura soluções, encontra caminhos, possui capacidade de intervenção, sabe sugerir e influenciar, possua noção ampla do cargo que ocupa e não restringida a questiúnculas de "lana-caprina" limitando-se a agir persecutoriamente na vã tentativa de encontrar quem eventualmente tenha delatado arbitrariedades, incompetências, limitações, não se limite a dar execução orçamental, que seja capaz de ouvir e aceitar opiniões, críticas, não se condicione a apenas desejar reconhecimento de quem o suporta, que saiba orientar, determinar, coordenar, que não provoque a ira dos dirigidos, não os desconsidere, é participar numa equipa que aposta na qualidade e distinção, na perseguição da seriedade, na procura constante de estímulo. Ser árbitro é gratificante, mas torna-se mais ainda quando se vê o desempenho reconhecido e se sabe ser dirigido por quem se preocupa revelando-se suporte para enfrentar os difíceis desafios que a actividade comporta. Os problemas que apoquentam a classe e o futuro que se antevê não são animadores, fazem supor dificuldades bem mais preocupantes que as sempre desagradáveis contestações, desconsiderações e faltas de respeito após um jogo de futebol. O deixa andar comum à generalidade da população portuguesa, parece ter assentado arrais no CA da FPF, ter lucidez na constituição de lóbi na defesa dos interesses colectivos e não na preservação do cargo ocupado, inviabilizaria que se chegasse ao panorama actual com repercussões negativas nos tempos vindouros. Desejar firmemente que o ano de 2006: permita esclarecer e clarificar questões fiscais, de forma a evitar debandada colectiva de jovens promissores e outros elementos com valor ligados ao sector; veja a publicação da "Lei de Bases do Sistema Desportivo" e respectiva regulamentação; contribua para as pessoas do futebol perceberem quais as melhores opções para o sector da arbitragem, é obrigação de todos quantos gostam e sentem a causa.

Números

Lances dissecados, polémicas, erros crassos, outros não tanto, de tudo um pouco já sucedeu. Com o interregno de duas semanas surge oportunidade para um balanço necessariamente curto mas objectivo, assim:

Número de jogos	Golos marcados	Faltas assinaladas	Advertências CA	Dupla Advertência	Expulsões CV	Grandes Penalidades
144	310	5150	738	29	18	32

Dos 25 árbitros ao dispor da CA da LPFP, dez deles (seis internacionais e únicos entre os primeiros dez classificados da época anterior) dirigiram mais de cinquenta por cento dos encontros, mais propriamente 76, assim distribuídos: um arbitrou nove partidas, quatro dirigiram oito e cinco orientaram sete. Deste restrito grupo, Lucílio Baptista apresenta a média mais elevada de faltas assinaladas por jogo 39,63, em termos globais Nuno Almeida, com apenas sete jogos arbitrados, comanda com 40,14 infracções por encontro. Na disciplina, Paulo Costa, tendo ido à algibeira buscar o cartão amarelo 52 vezes, média de 7,13 por cada noventa minutos e em mais duas ocasiões o cartão vermelho, perfila-se como o principal justiceiro naquele pequeno grupo e, também, em termos globais. Nos lugares opostos, Paulo Paraty representa a média mais interessante de interrupções por jogo: 29,5. Em termos disciplinares é igualmente o que menos uso faz dos cartõezinhos coloridos; 3,88. São números estatísticos de valor relativo. Contudo, permitem efectuar valoração e análise interessante sobre a acção técnica e disciplinar de cada filiado. Curiosamente, de todos que dirigiram mais de cinco partidas (19), o que maior número de faltas necessitou para puxar pela primeira vez do cartão amarelo foi Paulo Pereira, 8,316 em média por cada um dos cinco encontros em que esteve. Comparativamente, refira-se que na época anterior, no período homólogo, foram marcados 362 golos; assinaladas 5345 faltas e 34 grandes penalidades; o cartão amarelo foi exibido em 796 ocasiões; expulsões por duplo cartão amarelo foram 38 e o cartão vermelho directo foi visto em 34 situações. Reconheça-se ser esta uma temporada bem mais disciplinada, porém, bem menos produtiva, quiçá, ao nível do futebolzinho que vamos tendo.

Sintrense

A mudança do ano trás novidades. O mês de Janeiro é, invariavelmente, aproveitado estatutariamente pelos clubes para procederem a eleições. O Sintrense, modesta mas honrada colectividade da vila de Sintra, não foge à regra. Adriano Filipe, seu presidente há onze anos, antecipou o espectro de falência do futebol nacional, anteviu os problemas fiscais que a arbitragem passará a sofrer e, a par, sempre se mostrou respeitador da actividade, e deixará o cargo. Porque é hábito verberar-se os dirigentes que por tudo e por nada vêm nos homens do apito os responsáveis pelas derrotas e falência dos projectos utopicamente construídos, permitam-me render homenagem a pessoa de trato simples, com sentido de justiça, capaz de ser amigo, que ao longo de diversos consulados se revelou indivíduo respeitador, não bajulador, dos árbitros. Pena que o futebol não disponha de mais elementos como o presidente cessante.